

A crise das narrativas é também a crise do sujeito em comunidade

The crisis of narratives is also the crisis of the subject in community

DAVID COSTA ^a

Universidade de São Paulo, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação. São Paulo – SP, Brasil

Han, Byung-Chul. (2023).
A crise da narração.
Editora Vozes
136 p.

RESUMO

Este texto é uma resenha do livro *A crise da narração* do filósofo Byung-Chul Han. Nesta obra, lançada em 2023 pela Editora Vozes, o autor discorre sobre o desaparecimento das narrativas autênticas na modernidade. Para Han, o excesso de informações que surge com as plataformas digitais ocasiona um consumo desenfreado de “narrativas” em mídias sociais, fenômeno que leva os indivíduos a perderem o senso de comunidade e de empatia entre si.

Palavras-chave: Crise da narração, plataformas digitais, storytelling

^aDoutorando do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP). Mestre em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará (UFC).
Orcid: <https://orcid.org/0009-0008-7987-120X>. E-mail: davidnogueira@usp.br

ABSTRACT

This is a review of the book *The Crisis of Narration* by philosopher Byung-Chul Han. In this book, released in 2023 by Editora Vozes, the author discusses the disappearance of authentic narratives in modernity. For Han, the excess of information that comes with digital platforms leads to an unbridled consumption of “narratives” on social media, a phenomenon that causes individuals to lose their sense of community and empathy with each other.

Keywords: Crisis of narration, digital platforms, storytelling

BYUNG-CHUL HAN É um filósofo e escritor conhecido pela sua objetividade. É direto, gosta de ir ao ponto e, geralmente, em suas obras procura desenvolver vários argumentos e reflexões em torno de uma questão central. Em *A crise da narração*, lançado no Brasil em 2023, não poderia ser diferente. Han inicia o prefácio atestando uma “crise narrativa” (p. 9) ancorada justamente em um período no qual as narrativas estão sendo constantemente evocadas nos discursos que vigoram atualmente.

As sociedades modernas perderam a capacidade de narrar e de criar narrativas providas de significado, sentido e orientação, ocasionando um enfraquecimento de vínculos entre pessoas e instituições. A crise da narração revela, para Han, uma crise no sentimento de comunidade. As narrativas verdadeiras são capazes de dar significado a momentos específicos do cotidiano, aos dias do ano, às relações entre sujeitos e ambientes, preenchendo essas esferas da vida com carga simbólica. As narrativas são técnicas simbólicas que transformam o “ser-no-mundo” (sujeito individualizado) em um “estar-em-casa” (sujeito em comunidade). Assim, atestamos também a capacidade transformadora das narrações. Os rituais são narrados porque a narrativa tem função transformadora.

Então por que as narrações entram em crise na modernidade? Para Han, a modernidade, marcada pela sua estética aberta, fronteiriça e transparente, impede que as narrações se fortaleçam, porque as narrativas são essencialmente “formas de conclusão e de encerramento” (p. 12). É justamente por conferirem desfechos que as narrativas possuem o poder de criar significados. Estes se consolidam no fechamento de uma narrativa.

Seguindo essa perspectiva, as narrativas criam histórias, enquanto a estética da modernidade tardia se ancora em uma ideia temporal pontual e fragmentada. Para Han, as mídias contidas em plataformas digitais não são narrações, por serem produzidas e publicizadas em uma espacialidade digital que privilegia muito mais a abertura e a dissolução do que o fechamento. Em sua percepção, os *stories* das redes sociais são os exemplos perfeitos desse caso. O *storytelling* seria, assim, a apropriação capitalista das narrativas. Ele submete as narrações ao consumo, preenchendo marcas, produtos, serviços e pessoas com energia libidinosa que será empreendida e descarregada na forma de consumo. O *storytelling* pode ser visto como a técnica que cria vínculos afetivos entre pessoas e objetos de consumo. Em dado momento, o autor chama *storytelling* de “*storyselling*”.

A partir desses pontos, Han discorre durante dez capítulos sobre as consequências da crise das narrativas e como esta crise está intimamente atrelada à expansão econômica e tecnológica que a humanidade tem experienciado no último século. O filósofo abre uma discussão sobre como a constante especulação do capital sobre as inovações tecnológicas, sobretudo midiáticas

e cotidianas, têm afetado as maneiras como os sujeitos no ocidente entendem identidade, tempo e espaço.

Han argumenta sobre como a crise das narrativas, impulsionada também pelo capitalismo e pelo mercado publicitário na criação de narrativas superficiais – *story-selling* –, enfraquece todas as instituições sólidas e seculares, criando um sentimento geral de desconfiança e descredibilidade na democracia, nos sujeitos políticos, na Imprensa etc. O consumo degrada o funcionamento pleno das instituições democráticas, e apenas o resgate das narrativas como instrumentos teóricos-metodológicos, mas também como dispositivos comunitários, podem “reverter” essa situação.

Em “Da narração à informação”, Han explica que o leitor moderno dos jornais perdeu a capacidade de se demorar nas notícias. Este leitor busca apenas informações, em vez de histórias. É aqui que Han faz uma primeira distinção entre informação e narração, pois esta última está presente nas notícias que cobrem um evento “de longe” – a distância é sua marca distintiva, algo que a informação não possui. Aqui ele resgata um conceito de Walter Benjamin: a aura, que seria o rastro de algo que aparece ao longe. A aura permite a visualização de algo, sem deixar que essa coisa seja totalmente tocada, mostrada ou exposta. Ela conserva uma sensação de mistério, curiosidade e dúvidas. As informações não possuem aura por serem transparentes demais, desnudas demais, diretas demais. Elas se corporificam como dados a serem visualizados, consumidos e repassados aos montes. Se há uma crise narrativa devido à enxurrada de informações à qual temos acesso hoje, há também uma crise jornalística.

Esta crise ocasionada pela enxurrada de informações é também uma crise da realidade, pois vivemos agora em um momento no qual acessamos e interferimos na realidade por meio de dados. Dados são apenas informações. Mais do que isso, somos constantemente seduzidos e convocados a disponibilizar informações sobre nós mesmos, nossos costumes, hábitos, gostos e opiniões políticas nas plataformas digitais através do consumo. Há um novo regime de poder que surge a partir disso e opera, não mais pela repressão dos indivíduos, mas, pela exploração absoluta da sua liberdade e, sobretudo, da liberdade para consumir.

Mais uma vez inspirado por Benjamin e seu ensaio *Experiência e pobreza*, Han dá seguimento com o capítulo “Pobreza de experiência” para explicar como a crise das narrações é também uma crise das experiências. Mas como? Em sua visão, as experiências são tradicionalmente narradas e pressupõem uma continuidade onde determinada sabedoria, conhecimento, será passada adiante por meio das narrativas. Quando não temos narrativas, não temos sabedoria, temos apenas técnicas de solução de problemas (p. 33).

No capítulo “A vida narrada”, Han mostra como a ideia de felicidade se relaciona com a ideia de redenção, porque ambas surgem conjuntamente no

fechamento de um tempo-histórico marcado (uma narrativa/uma experiência). Se estamos constantemente em contato com uma ideia de tempo atual, pontual e fragmentada, não temos a capacidade de fazer surgir felicidade. É esta atrofia do tempo na modernidade que impede o resgate do passado e ocasiona a crise das narrações. Aqui, o autor recorre às ideias de atrofia muscular de Marcel Proust e atrofia temporal de Martin Heidegger.

Esses sentimentos de tempo fragmentado e de estar sozinho no mundo, marcas da modernidade, descentralizam o sujeito de maneira que ele não consegue mais reivindicar uma identidade para si. Nenhuma narrativa faz sentido para ele. Sem ancoragem narrativa e orientação externa, o indivíduo se volta para si e passa a dar uma ênfase maior para o eu – o self. A atrofia temporal nos leva a uma incapacidade de narrar nossas vidas, intensificada ainda mais pelas espacialidades e temporalidades digitais, que, desprovidas de âncoras narrativas verdadeiras e mediadas quase que inteiramente por informações, permitem que o sujeito tenha acesso a narrativas apenas por meio do consumo. Nas plataformas digitais não se narra, apenas se acumulam informações materializadas em entretenimento, mídias, produtos e serviços.

Uma vida sem narração é também uma “vida desnuda”, título do capítulo seguinte. Neste segmento, a argumentação de Han se aproxima bastante das ideias encontradas em seus outros livros, como *A sociedade da transparência* (2012) e *A sociedade do cansaço* (2015). Para o autor, quando as narrativas falham e são incapazes de prover significado e sentido simbólico para as coisas, especialmente para os objetos, elas se tornam “nuas” de significação, vazias de sentido. Vejamos bem, as narrativas conferem aos fatos da vida um significado quase que incontestável que ganha cada vez mais força e sentido ao passar dos anos com as práticas de narração. Na modernidade, se as coisas, eventos, situações e objetos carecem de sentido, passamos a ver e viver uma vida cada vez mais precária de significados, que serão buscados nas informações e nas narrativas do capital, nos *storytellings* das plataformas digitais.

Se não há narrativas fortes que nos ancoram no mundo, nos voltamos para nós mesmos e começamos um intenso processo de produção de si. Para Han, as selfies e as práticas de espetacularização do cotidiano das redes sociais são exemplos disso. A modernidade evoca uma constante nudez de si, não apenas física, mas também financeira, afetiva, cultural, sexual etc. Essa transparência das informações é completamente oposta ao velamento e à ocultação, que são essenciais para a narração.

O excesso de informações leva à informatização do mundo, um estágio de racionalização da humanidade ainda mais avançado do que aquele descrito por Max Weber. Para Han, a digitalização das realidades dissolve tudo em dados e

informações – estes não podem ser narrados, apenas calculados e explicados. Essa relação de causalidade torna-se imperativa e leva os indivíduos a o que ele chama de “desencantamento do mundo”, título do quinto capítulo. Perdemos a capacidade de nos encantarmos com as coisas, de vermos mágica e ludicidade no mundo. “A informação representa o estágio de declínio absoluto da linguagem” (Han, 2023, p. 84).

A digitalização excessiva do mundo – desencantamento – também nos leva a um contínuo e progressivo afastamento da realidade como ela é. Quando passamos a ter acesso ao mundo apenas através das telas dos smartphones e das plataformas de redes sociais, entramos em contato com uma realidade reduzida e recortada que pode ser facilmente posta de lado com um simples clique no ecrã dos smartphones. A realidade perde a capacidade de nos chocar, de nos afetar profundamente – em vez disso, passamos a reagir com botões de *like* ou *dislike*. As reações se tornam mecânicas, automáticas e desprovidas de uma reflexão mais crítica e duradoura. Para Han, essa digitalização excessiva ocasiona uma erosão no senso de comunidade.

Sem a possibilidade de nos unirmos enquanto comunidade, a narrativa neoliberal do desempenho nos põe em posição de “empreendedor de nós mesmos”, criando um sentimento de competitividade entre todos. Falta uma coesão social que crie um Nós; em vez disso, nos afundamos em uma narrativa que promove constantemente a autorrealização individual dos sujeitos. Em uma comunidade narrativa autêntica não há a comunicação excessiva e barulhenta tão característica da era digital, mas sim uma harmonia tranquila que une todos em um sentimento de empatia com o próximo.

Em “Teoria como narração”, o autor argumenta que as teorias devem ser essencialmente narrativas. Em um mundo cada vez mais tomado pelo Big Data, os processos de coleta, armazenamento e análise de dados se aproximam cada vez mais dos estudos científicos. Mas, segundo Han, o Big Data não explica nada, apenas faz correlações entre uma informação e outra. Já as teorias, criam nexos conceituais entre as coisas, explicam como e por que elas se comportam da forma como se comportam. Elas oferecem um fechamento que prende as coisas em uma estrutura conceitual. Dessa maneira, as teorias se aproximam, e muito, das narrativas.

Nos capítulos seguintes, “Narrativa como cura” e “Comunidades narrativas”, Han defende que a retomada das narrativas pode ser a resposta para uma sociedade mais empática e harmônica, sintonizada com as necessidades de todos. Para ele, o apoio em narrativas autênticas, como a psicanálise, a diminuição do consumo excessivo e do uso de plataformas digitais podem restaurar o senso de comunidade na sociedade moderna. Nesse sentido, também é possível inferir

R

A crise das narrativas é também a crise do sujeito em comunidade

que a comunidade acadêmica e científica deve atuar nesse processo. Os cientistas devem procurar evitar o acesso ao conhecimento por meio de dados, dando preferência às teorias. E se as teorias têm a capacidade de narrar, pesquisadores e pesquisadoras podem se envolver em movimento que vise a restauração das narrativas autênticas para o fortalecimento das comunidades. ■

REFERÊNCIAS

Han, Byung-Chul. (2023). *A crise da narração*. Vozes.

Artigo recebido em 13 de junho de 2024 e aprovado em 14 de agosto de 2024.